

Concluindo, gostaríamos de acrescentar que não é apenas por suas qualidades estéticas que a obra de Fichte merece a nossa atenção. Fichte conhece muito bem o Brasil; pesquisou o candomblé no Rio, na Bahia, a Casa das Minas no Maranhão. Sua obra tem muito a nos dizer sobre as raízes africanas de nossa cultura, o que a torna, para nós, duplamente significativa.

Referências bibliográficas

- FICHTE, H. *Observações heréticas para uma nova ciência do Homem*. São Paulo, Brasiliense, 1976.
- FICHTE, H. *Etnopoesia*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- FICHTE, H. *Ensaio sobre a puberdade*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

ESTÉTICA DO FUTEBOL: BRASIL VS. ALEMANHA *

Willi Bolle (org.), Hans Ulrich Gumbrecht,
Flávio Aguiar, Antonio Medina, José Miguel Wisnik**

Abstract: In September of 1997, a group of German and Brazilian literary critics met at the University of São Paulo, in order to comment on the aesthetics of two great soccer schools. As our "basic text" we chose the match Germany vs Brazil (final score: 3 : 3; half-time score: 0 : 3), which took place in Washington, in June 1993, between the two triple World Champions. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University) proposed a philosophical reflection on football/*Fußball*, combined with a comparative analysis of soccer and American football. In both modalities he identified the magic phenomenon of "production of presence", which expresses itself through three functions: the ontological function (action vs nothing), the "epiphany of form" (the touch of genius) and the oscillation between finality and *telos* (linked to the *mise-en-scène* of intention and contingency). These three functions manifest themselves in both American football and soccer, but in different forms. Flávio Aguiar (University of São Paulo) pointed out the phenomenon of empty spaces and the occupation of space. Antonio Medina (University of São Paulo) contrasted the somewhat ontologic character of American football with the mimetic character of soccer, especially as played in Brazil, where the paradigm of masters and slaves is still present. José Miguel Wisnik (University of São Paulo) elaborated on the dialectics of production of presence (resistance against interpretation, "no-hermeneutics") and production of sense. In his reply, Gumbrecht explained that the concepts of empty and occupied space imply religious allusions (transcendental emptiness). Willi Bolle (University of São Paulo) raised the question of the extent to which the issue of aesthetics, seen from the perspective of American football and soccer, must be totally reconsidered.

Keywords: Esthetics; Football (soccer); American football; Brazilian soccer; German soccer; American football; philosophical analysis; Soccer; philosophical analysis; Soccer and American football; comparison.

* Transcrição e tradução do espanhol: Eduardo Manoel de Brito, Maria Célia Ribeiro Santos e Renato Oliveira de Faria; Revisão: Maria Célia Ribeiro Santos e Willi Bolle.

** Os autores são: Willi Bolle: Professor titular do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP; Hans Ulrich Gumbrecht: Professor titular de Literatura Comparada, da Universidade de Stanford, EUA; Flávio Aguiar e José Miguel Wisnik: Professores doutores do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Área de Literatura Brasileira, da USP; Antonio Medina: Professor livre docente doutor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Área de Grego, da USP; Endergo do Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht: Department of Comparative Literature, Stanford University, Stanford, California, 94305.

Zusammenfassung: Im September 1997 trafen sich deutsche und brasilianische Literaturwissenschaftler in der Universität São Paulo, um den Stil zweier großer Fußball-Schulen zu kommentieren. Als "Textgrundlage" hatten wir das Spiel Deutschland : Brasilien ausgewählt (Endstand: 3 : 3; Halbzeitstand: 0 : 3), das im Juni 1993 in Washington zwischen den seinerzeit dreifachen Weltmeistern ausgetragen worden war. Hans Ulrich Gumbrecht (Universität Stanford) schlug eine philosophische Reflexion über den Fußball vor, verbunden mit einer vergleichenden Analyse des Soccer und des American Football. In beiden Ballspielarten beobachtet er das magische Phänomen der "Produktion von Gegenwart". Sie tritt in drei Arten von Funktionen zu Tage – ontologische Funktion (die Aktion gegen das Nichts), die "Epiphanie der Form" (der geniale Spielzug) und Spannung zwischen Finalität und Telos (oder auch Inszenierung von Intentionalität und Kontingenz) –, die sich sowohl im Football wie im Fußball beobachten lassen, aber in ganz verschiedener Zusammensetzung. Flávio Aguiar (Universität São Paulo) hob in seinem Kommentar das Phänomen der leeren Spielräume und der Besetzung des Raums hervor. Antonio Medina (Universität São Paulo) setzte dem eher ontologischen Charakter des American Football den mimetischen Charakter des Fußballs entgegen, der (zumindest in Brasilien) von dem Verhältnis zwischen Herren und Sklaven affiziert wird. José Miguel Wisnik (Universität São Paulo) vertiefte die Dialektik zwischen der Herstellung von Gegenwart (Widerstand gegen Interpretation, negative Hermeneutik) und der Produktion von Sinn. In seiner Antwort erläuterte Gumbrecht, dass die Begriffe des leeren und des besetzten Raumes religiöse Tonalitäten mit sich bringen (die transzendentale Leere). Willi Bolle (Universität São Paulo) stellte die Frage, inwiefern eine aus der Perspektive des Massensports Fußball entworfenen Ästhetik dazu führen kann, den Begriff der Ästhetik neu zu denken.

Schlüsselwörter: Ästhetik; Fußball (*soccer*); *American football*; Fußball in Brasilien; Fußball in Deutschland; Fußball; philosophische Reflexion; *American football*; philosophische Reflexion; Vergleich zwischen Fußball und *American football*.

Palavras-chave: Estética; Futebol (*soccer*); *American football*; Futebol brasileiro; Futebol alemão; Futebol; análise filosófica; *Football*; análise filosófica; *Soccer e football*; comparação.

WILLI BOLLE

Em nome da Área de Alemão, dou a todos vocês as boas-vindas a esta mesa-redonda que é o evento final de nossa semana "O Olhar Alemão sobre o Brasil". Esta noite ouviremos a conferência do

ESTÉTICA DO FUTEBOL: BRASIL VS. ALEMÃ

MODERADOR:
PROF. DR. WILLI BOLLE

PROF. DR. HANS-ULRICH GUMBRECHT
(STANFORD UNIVERSITY)

ATA REDIÇÃO:
PROF. DR. JOSÉ MIGUEL WISNIK (FECH USP)
FLÁVIO AGUIAR (FECH USP)
ANTÔNIO MEDINA (FECH USP)

DIA 23/09/97
HORA: 19H30
LOCAL: PRÉDIO DE LETRAS
SALA 200

professor Hans-Ulrich Gumbrecht, e em seguida teremos as observações dos professores Flávio Aguiar, Antonio Medina e José Miguel Wisnik. É uma grande alegria pra mim, ter aqui estes colegas conosco. Antes de iniciarmos, eu gostaria de dizer duas ou três breves palavras sobre o trabalho de Gumbrecht. Ele fez parte da Escola de Konstanz, que projetou a teoria literária alemã no cenário internacional. Pouco depois de ter feito o doutorado e a livre-docência naquela Universidade, organizou uma série de pesquisas em equipe, na forma de encontros interdisciplinares realizados na cidade de Dubrovnik na Jugoslávia, único país nos anos 80 a viabilizar debates entre pesquisadores do Oeste e do Leste. Os temas abrangiam desde o conceito de época e tendências de inovação na teoria literária, até materialidades na comunicação, com trabalhos sobre o estilo e a escrita – houve ao todo cinco volumes publicados. A partir de 1989, quando esses colóquios se encerraram, Gumbrecht foi trabalhar na Universidade de Stanford, onde leciona até a presente data a disciplina de Literatura Comparada. Entre seus objetivos principais está a promoção do diálogo entre as Ciências Humanas e as Ciências. Uma breve explicação também sobre a origem deste evento: quando conheci pessoalmente “Sepp” Gumbrecht, em Stanford em janeiro deste ano, achei que para conversar com um *scholar* tão eminente, o melhor seria começar por um assunto bem *light*: futebol, então. Qual não foi a minha surpresa, quando me dei conta de que estava diante de um pesquisador profissional do assunto. Imaginei, então, que poderia ser interessante reuni-lo numa mesma mesa com os três colegas da USP com os quais costumo comentar futebol no intervalo das aulas. Sepp Gumbrecht, é um vivo prazer tê-lo aqui conosco. Por favor, esteja com a bola toda.

HANS-ULRICH GUMBRECHT

Muito obrigado, estou muito contente de falar, finalmente, na USP. Vou falar de um livro que estou preparando e cujo título é *The beauty of American Football* – A beleza do Futebol Americano. O que vou apresentar é, sobretudo, uma comparação entre o *American football*, de um lado, e, do outro lado, o futebol, o *soccer*. Eu teria a

maior boa vontade do mundo em falar só sobre futebol, uma vez que tenho sido torcedor de futebol durante 48 anos dos 49 anos de minha vida. Teria material suficiente para falar só sobre futebol, mas acho que metodologicamente será melhor falar do *American football* que do futebol. Espero que este não seja motivo para nervosismo entre meus apreciados espectadores.

Então, vamos às notas introdutórias, porque nós alemães sempre começamos com notas introdutórias muito longas. Os esportes, sobretudo, os esportes de equipe, foram importantes para mim desde minha primeira infância. Meu pai foi jogador de primeira liga na Alemanha, logo depois da Segunda Guerra Mundial, quando ficaram muito poucos homens. Há uma foto minha, eu devia ter entre 3 ou 4 meses, em que eu estou nos braços de minha mãe e estamos vendo a partida de despedida de meu pai. Tenho que insistir, então, que ver futebol e ver jogos de equipe sempre foi muito importante para mim e muito mais do que um passatempo. Eu sei que, pelo menos na Alemanha e nos Estados Unidos entre professores universitários, sobretudo de Letras, não é uma coisa normal ser aficionado, por isso meus colegas sempre pensavam que eu era um pouco estranho. Eles admitiam até um certo ponto como um passatempo. Mas tenho que dizer que, as duas, três ou mais horas por semana que eu passo vendo *American football*, são as horas de menor relaxamento. Se algum dia eu morrer de ataque do coração, vai ser vendo esporte, falando de esporte. Ou seja, não é um passatempo, é uma coisa intensa, uma coisa importante para mim. Às vezes penso, mas eu nunca diria isso em minha universidade, que para mim é mais importante do que ler livros, tenho mais prazer vendo futebol, partidas de *American football*, hockey sobre gelo... Mas não estou falando de meus hobbies, estou falando de coisas muito sérias, demasiado sérias. Tenho que insistir também que nunca desenvolvi, como vêem por meu corpo, uma aficção muito forte para praticar os esportes. Isso tem consequências para meu corpo e, também, consequências para a confidência desta noite. Tudo o que vou dizer vai se basear estritamente em um ponto de vista de *espectador*. Não vou falar do valor que têm esses esportes para quem os pratica. Não nego que possam ter um valor, só que não

quero falar dele, ou seja, não vou falar sobre *mens sano in corpore sano*.

Quando fui para os Estados Unidos em 1989, tomei a decisão bem racional, ainda na Alemanha, de me converter-me num aficionado em American football. Porque eu creio que esta emoção quase existencial que sinto quando vejo os esportes não se pode viver se não há ambiente. Pensei que não era suficiente ser um fã de soccer nos Estados Unidos e, por isso, muito racionalmente, tornei-me, durante os últimos oito anos, aficionado sobretudo do American football e um pouco de hockey sobre gelo. Neste momento, orgulhosamente, creio que posso falar competentemente sobre esses esportes, na primeira parte desta palestra, e a segunda parte, sim, vai ser sobre futebol, sobre soccer. De forma que vou apresentar uma comparação entre American football e futebol. O fundo vai ser American football e depois vou falar de futebol para fazer um contraste.

Esta conferência tem três blocos. O primeiro bloco é uma introdução sobre as condições em que se desenvolve o projeto do meu livro. Gostaria de explicar um pouco porque estou passando meu tempo pago pela universidade escrevendo um livro sobre esporte. Não é somente um *hobbyhorse*. Inicialmente vou falar de um interesse filosófico que eu estou cultivando, que chamo de interesse não-hermenêutico, não-interpretativo. Depois, gostaria de falar de certos fenômenos culturais que chamo de fenômenos de “produção de presença”. É claro que o esporte faz parte dessa produção de presença. A seguir vou falar de estados de esporte e produção de presença. E, para finalizar esse bloco introdutório, vou explicar brevemente por que, entre todos os esportes possíveis, escolhi o futebol americano: não somente porque este está próximo de minha vida diária em Stanford, mas também porque se presta bem a uma análise. Em outras palavras, creio que é mais fácil fazer uma análise pioneira do American football do que, por exemplo, do futebol. O bloco central começa com uma brevíssima introdução a algumas regras do American football. Podemos chegar, a partir dessas regras, a três aspectos que realmente importam para minha análise. O primeiro – tudo tem uma marca

muito filosófica – é o que chamo de função “ontológica” ou “ôntica”, se quiserem, remetemos a Heidegger. O segundo aspecto é a função que chamo de “epifania da forma”. E o terceiro, com uma distinção kantiana, é a função “finalidade”. Então, vou aplicar, nesta análise, as três funções, tanto ao American football como ao soccer. Este é o bloco que, a meu ver, podemos discutir com maiores detalhes. Finalmente, no terceiro bloco, vou dizer umas breves palavras sobre o valor cultural dos contrastes entre “American football” e “futebol” e depois, entre “futebol brasileiro” e “futebol alemão”.

Todos vocês sabem que é um jogo intelectual dizer que a maneira como os brasileiros jogam futebol é uma expressão da alma brasileira, e o mesmo se aplicaria à maneira de jogar dos alemães... Vou discutir em geral os pressupostos dessa questão. Bem, depois de ter cumprido meus compromissos com a identidade alemã, fazendo uma longa introdução, vou começar, finalmente, com as condições gerais em que se desenvolveu o meu projeto.

O livro em que estou trabalhando neste momento, *The beauty of American Football*, é um projeto complementar a um livro que acabei antes de vir para cá e que se chama *The No-Hermenêutic – O Não-Hermenêutico*. Contrariamente ao que muita gente possa acreditar, não se trata de uma anti-hermenêutica; não tenho nada ou só um pouco contra a interpretação hermenêutica, porém penso que há muitos fenômenos culturais, com os quais não se faz justiça, fenômenos que nós – permitam-me essa metáfora – não redimimos em seu pleno valor, se os queremos interpretar. Vou dar alguns exemplos: existe para mim uma miséria na crítica da música, porque querem interpretar a música e creio que a música não deixa muito a interpretar; ela não é portadora de sentido; o mesmo ocorre com a pintura abstrata, porque interpretar a pintura abstrata, perguntar que mensagem ela tem é uma coisa bastante difícil, se não impossível; e o mesmo vale, na minha opinião, para o esporte. Quer dizer que a pergunta “O que expressa o esporte?” ou “Que valor, que mensagem há no esporte?” não funciona. Claro que esses fenômenos não resistem ativamente à interpretação. Mas creio que todos sabemos mais ou menos, ou temos um pressentimento, que

não analisamos ou descrevemos adequadamente os esportes, se nos apegamos unicamente ao paradigma da interpretação. O paradigma de interpretar o mundo surgiu historicamente com a primeira modernidade. Creio que sempre houve fenômenos que “resistiram” a isso, que não se deixam realmente interpretar. Nesse sentido creio que, embora o paradigma de ler o mundo tenha dominado a cultura ocidental durante quase quinhentos anos, sempre houve fenômenos de “produção de presença”, fenômenos que não se deixam redimir através da interpretação. Talvez hoje em dia haja um número maior desses fenômenos e talvez esse fato tenha sido a motivação para que eu escrevesse esses dois livros.

Creio, portanto, que o esporte é um dos fenômenos de nossa cultura que não se deixa interpretar. Gostaria de explicar agora o paradigma que quero construir como alternativa à “leitura do mundo” e que é precisamente a “produção de presença”. O paradigma tradicional que domina totalmente nossas disciplinas é que qualquer fenômeno que percebemos, qualquer coisa que possamos tocar, só existe para conter um significado, um sentido, algo que se tenha de decifrar. Nesse sentido, a coisa espiritual, o significado, é o que a nossa cultura em geral e a nossa cultura acadêmica em especial acham realmente interessante. O melhor exemplo que conheço para ilustrar essa diferença é a teologia medieval da eucaristia, da presença real de Deus. Porque o pão e o vinho, depois da transubstanciação, já não são significantes ou símbolos da carne e do sangue de Deus, e sim, formas (a palavra “forma” é importante), são formas sob as quais Deus se faz presente substancialmente. Isto é importante: o paradigma “forma – substância” não tem nada a ver com o paradigma “significante – significado”. E através dessa presença real, substancial, na forma de pão, na forma de vinho, pode-se tocar Deus e pode-se comer Deus. É importante que a relação “produção de presença – presença real de Deus”, sempre é uma relação menos temporal do que espacial. Porque normalmente quando dizemos “presença”, pensamos no tempo, na temporalidade; porém quando eu falo em presença, refiro-me ao que se pode tocar. Por exemplo, podem me tocar depois da conferência (com muito gosto), mas não poderiam me tocar se esta conferência fosse transmitida de Stanford.

Ou seja, presença real, presença corporal e também dita: presença mágica. Para ilustrar um ato que tem algo de “mágico”, a teologia da eucaristia é um bom exemplo, pois, da perspectiva antropológica, a transubstanciação é um ato mágico, que é sempre algo que se faz presente sob uma forma. Então, se este exemplo da teologia medieval serviu para dar-lhes uma noção do que quero dizer com “produção de presença”, a questão seria se os fenômenos de produção de presença que estão tão fortemente “presentes” em nossa cultura contemporânea são diferentes da presença real de Deus na teologia medieval. E para explicar como a produção de presença hoje é diferente da medieval, reporto-me a um filósofo francês da segunda geração da desconstrução que me agrada muito, Jean-Luc Nancy. Refiro-me em particular a um livro dele que só foi publicado em inglês, *The birth to presence* – O nascimento à presença. Nesse livro, Nancy desenvolve o programa da nova hermenêutica, o da não-hermenêutica e diz: “deixemos de interpretar, tudo está interpretado”. Então, percebe-se um desejo particular, característico de nossas culturas contemporâneas, um desejo de presença. Mas, ao contrário da Idade Média, tudo o que cremos conseguir é uma espécie de aproximação, um *ioiô* (Nancy utiliza essa metáfora): uma presença que se aproxima e uma presença que se distancia, porém nunca teremos a presença plena. Nesse sentido (e isso é muito importante para o que vou dizer acerca dos esportes), a produção de presença característica em nossa cultura, não seria propriamente uma simples ilusão de presença, mas sempre é uma presença efêmera ou, como disse Nancy com outra metáfora, é sempre uma presença geométrica. Mais tarde, vou falar da “epifania da forma”, como algo que surge, que emerge, mas que nunca se pode possuir, que nunca está aqui plenamente.

Então, quero tratar dos esportes – esta é a terceira parte da introdução – o American football e o futebol. Se quero tratá-los como exemplos da cultura de “produção de presença” contemporânea, isso tem três consequências que gostaria de anunciar para que se compreenda bem o que vou dizer a seguir. Em primeiro lugar, é óbvio que não vou entrar nessa via errônea do intelectual que interpreta os esportes. Nos Estados Unidos é quase um hobby falar de American football como uma alegoria do capitalismo porque sempre se trata de

ganhar ou perder terreno. Ou fala-se muito de baseball, como um exemplo da nostalgia dos americanos pelo estado social rural dos primeiros Estados Unidos do século XVIII. Ou, ainda, fala-se de hockey sobre gelo como a expressão da dureza dos proletários da East Coast. Desgraçadamente, como lhes disse, não posso proibir os professores de dizerem tais absurdos. Mas acredito que os estádios não se encheriam e não se fariam contratos de televisão para se ver alegorias do capitalismo. Em segundo lugar, tampouco vou interpretar os esportes, American football e futebol, como uma compensação psíquica. Existe uma tendência entre os "loosers", ou seja, os que sempre perdem em suas vidas cotidianas, de identificar-se com Michael Jordan ou com Pelé. Mas creio que à compensação nunca é total, sempre há algo nos esportes, uma atração, um fascínio, que não se explica nem pela alegoria, nem pela compensação psíquica. Esse algo desconhecido é o que me interessa. Todos sabemos, por exemplo, que, quando a nossa equipe perde, ficamos furiosos às vezes porque jogou mal, mas outras vezes dizemos que jogou bem, embora tenha perdido. E sabemos que, se outra equipe que odiamos faz uma boa jogada, mesmo que ela não nos agrade, dizemos: "bom, essa foi uma boa jogada". Todos estaremos de acordo facilmente a respeito disso. Ora, precisamente, como é possível que possamos dizer: "esta é uma boa jogada"? Como é possível, às vezes, voltarmos tristes do estádio, porque nossa equipe perdeu, mas dizermos que ela jogou bem? Esse ponto desconhecido é o que me interessa. Se analiso o esporte desse ponto de vista, emerge um fenômeno estético, sob as definições mais clássicas, kantianas, a Terceira Crítica. Quero enfatizar que não falo aqui do esporte como uma experiência estética para fazer uma reabilitação do esporte, pois não creio que haja algo mais contraproducente do que essas reabilitações acadêmicas; imagine como Pelé ficaria feliz se soubesse que eu reabilito o futebol aqui, sob uma perspectiva acadêmica! Falo de uma perspectiva estética porque, tomando essa decisão, tornamos acessível um grande repertório conceitual com o qual podemos trabalhar. Há, então, duas razões principais pelas quais falo do esporte como um fenômeno estético, ambas partem de definições kantianas. Em primeiro lugar, Kant diz que a experiência estética é um prazer desinteressado, quer dizer,

não há interesse cotidiano. Ou seja, é um prazer que não podemos ter na vida cotidiana. Como espectadores, se nossa equipe marcar três gols bonitos, desgraçadamente, ou felizmente, não vamos ganhar mais dinheiro, etc. Segundo, é uma característica da experiência estética, o fato de podermos fazer juízos que, muitas vezes, resultam facilmente consensuais, sem conceitos nem critérios. Esse é um fenômeno que vemos freqüentemente numa partida de futebol. Dizemos: "esta foi uma jogada preciosa", mas se alguém nos perguntar por que foi uma jogada preciosa, não teremos conceitos, critérios, nem palavras para descrever, nem mesmo medidas como termos no atletismo (de um salto alto não se diz que foi "bonito", diz-se que foi de dois metros e trinta e quatro). Não temos esses critérios para os esportes de equipe.

No final desta introdução, vou dizer brevemente quatro razões pelas quais escolhi o American football para a minha pesquisa. São um pouco uma desculpa que lhes ofereço para apresentar esse esporte tão exótico aqui. Primeiro, não sei se sabem que as regras para os esportes de equipe nos Estados Unidos modificam-se a cada ano, de acordo com as reações dos telespectadores. Todos os anos ocorrem modificações nas regras, ou seja, não há tanta inércia quanto na FIFA que levou cinquenta anos para modificar as regras do *off side*. O que me interessa aqui é que isso dá uma certa garantia de que a estrutura do jogo reflete o fascínio particular dos espectadores. Segundo, não sei se sabem que tanto o American football quanto o basketball são jogados em dois níveis, no nível profissional e universitário, sendo que as universidades ou *colleges* atraem tantos ou mais espectadores do que os profissionais. Uma vez que trabalho numa dessas universidades, tenho acesso aos bastidores do trabalho de um time. Finalmente, embora não pareça, o futebol americano é um esporte sumamente sistematizado, pode-se dizer, sumamente intelectualizado, ou seja, há uma cultura de descrição muito precisa das jogadas. Nesse sentido, presta-se mais facilmente a uma análise com conceitos filosóficos.

Passemos agora para a segunda parte da conferência, uma parte breve na qual vou explicar algumas regras do American football que

me interessam e que não são paralelas àquelas com que estamos acostumados no futebol. Insisto nos contrastes. O primeiro contraste muito importante para tudo o que vai se seguir é que, em um jogo de American football, em cada momento fica muito claro qual equipe está na ofensiva e qual está na defensiva. A equipe ofensiva é aquela que tem a posse da bola. Os jogadores ofensivos não são os mesmos que os defensivos, ou seja, quando uma equipe está na ofensiva tem onze jogadores que nunca jogariam se a equipe estivesse na defensiva. Além disso, é quase impossível que de um momento para outro isso se modifique. Já no futebol, muitas vezes não sabemos se a equipe está claramente na ofensiva ou na defensiva. Isso é impensável no American football, sempre fica muito claro quem está atacando e quem está defendendo, e o risco de que isso se inverta é mínimo. Segundo contraste: uma equipe continua na posse de bola enquanto que consiga avançar dez yards (mais ou menos 10 metros) com quatro jogadas seguidas. Agora, é possível que em uma jogada um time avance dois metros e logo em uma segunda jogada perca quatro, porém pode recuperar essa perda, o importante é que avance 10 yards com quatro jogadas seguidas. Desde que cumpra isso, pode manter a posse de bola. Basicamente há três formas de avançar a bola: o *quarterback* pode lançar a bola a um jogador, normalmente um *receiver*, ou pode entregar a bola a um jogador que então corre com ela; e se o *quarterback* não encontra nenhum jogador que não esteja marcado, corre ele mesmo. Há também três maneiras de não conseguir avançar: o *quarterback* que atira a bola não encontra o *receiver*, é um *pass incomplete*, porém a equipe não perde a bola, apenas repete-se a jogada. A segunda possibilidade é que a bola seja “interceptada”. É possível, ainda, que o jogador queira avançar, mas não avance, ou seja, que não ganhe terreno.

Algo que me importa muito e que pouquíssimas vezes é visto no American football pela televisão: antes do início de cada jogada, há o momento de *freeze*, de congelamento, em que as duas equipes estão confrontadas e não se movem, ou seja, a jogada já se iniciou e as equipes permanecem imóveis — só no momento dado, quando passam a bola para o *quarterback* é que todos se movem. Sempre há esse contraste radical entre um momento muito intenso e um congelamento,

um vazio, de certa forma, absoluto. Finalmente o gol, em duplo sentido, o último gol da última jogada, o gol que seria o equivalente ao gol do futebol, esse passar a bola a um jogador que está na *endzone*. Os “gols” que vemos no American football são muito pouco importantes, o importante é o *box* no campo, um retângulo final, de dez metros de largura por quarenta metros de profundidade. Correr com a bola na *endzone* ou passá-la a um jogador que está na *endzone* dá 6 pontos e, logo depois, pode-se fazer um ponto suplementar, que é o único que se parece com o futebol.

Antes de passar para a parte analítica desse esporte, queria mencionar os três elementos que me interessam nas regras. O primeiro aspecto que me importa é esse contraste contínuo e radical entre uma ação muito compacta e a “não-ação”. Sobre tudo, no momento em que as duas equipes estão confrontadas, porém “congeladas”, nada se move e, então, de um golpe, movem-se todos. Logo que a jogada se acaba, e entre uma jogada e outra, normalmente, todos os jogadores deixam o campo e falam com seus técnicos, ou seja, entre duas jogadas quase sempre há um momento no qual o campo está totalmente vazio, em que nada se move. Segundo aspecto que me importa, e já falei suficientemente sobre ele: fica muito claro, a cada momento, qual equipe está na posição ofensiva e qual está na defensiva, e isso não é tão claro no soccer. A única tarefa da equipe defensiva é evitar, reprimir a emergência de uma forma, a emergência de uma boa jogada da equipe ofensiva. A função dos jogadores defensivos no American football é puramente destrutiva e, nesse sentido, poderíamos dizer que a defensiva tem somente a função entrópica, de criar caos, de evitar que salte ou que emerja uma forma, enquanto que a função da ofensiva é puramente neg-entrópica — eles têm que produzir uma boa jogada. Essa distinção entre as duas funções é muito nítida. Finalmente há esse caráter muito composto de ir avante, um ataque bom no American football consome muito tempo, as boas equipes mantêm a posse de bola por dez minutos às vezes. Então, um bom ataque é uma composição de muitos elementos complementares, um bom ataque se chama *drive*, não no sentido freudiano, mas no sentido de movimento no espaço. Um bom *drive* pode durar 10 mi-

nutos. Se um bom técnico faz um balanço e acha alguma coisa muito equilibrada em diferentes jogos, nunca mantém o mesmo tipo de jogada, as jogadas sempre serão variadas, porque é o caráter composto do drive que importa.

E agora já passo à análise. Vou apresentar-lhes três funções que exemplifico com o American football, mas penso que valem mais ou menos para todos os esportes de equipe. Logo mais vou dizer quais seriam, a meu ver, as modificações necessárias para descrever o futebol. A primeira função, como já havia anunciado, chamo de função ôntica ou ontológica (porém ôntica seria mais adequado). Nesse sentido, quanto ao contraste entre o algo e o nada, o que me interessa sobretudo, porém não exclusivamente, no American football, é esse contraste repetido entre a ação compacta e a não-ação, entre a ação compacta e o nada. Há um fato no qual não pensamos com muita frequência: hoje em dia, os estádios de esportes estão focalizados nos centros das atividades urbanas, tendência cada vez mais forte, pelo menos nos Estados Unidos. Nesses centros de atividades os terrenos estão tão caros que só é justificável tê-los, se existe uma função específica. São espaços enormes, onde não se passa nada por duas semanas, ou seja, espaços onde só acontece algo durante duas, três ou quatro horas a cada duas semanas. Economicamente isso é uma coisa totalmente insensata; tão insensata, que me parece esconder uma função importante. Para mim, esses estádios vazios têm uma atração enorme. E creio que para todos um estádio vazio tem uma atração particular. Também é importante o momento que os americanos chamam de *taking the field*, quando o time “ocupa” o terreno vazio. Há esse momento que se celebra maravilhosamente no Rio quando o Flamengo joga no Maracanã, o momento da entrada no estádio, que é muito importante. No American football, isso se repete muitas vezes mais, porque depois de cada jogada o campo se esvazia, não há jogador no campo. No momento de freeze, a tensão é enorme entre os espectadores que se perguntam “que vai acontecer?”, mas é possível que não aconteça nada; e pode haver esse momento de “encenação do nada”. Isso, precisamente, me interessa porque creio que exista algo nos esportes, e sobretudo no American football, como uma en-

cenação; muitos filósofos, entre eles Lyotard, têm definido como questão filosófica básica a questão de como se explica que haja algo em contraste com o nada. O efeito que isso tem sobre os espectadores do American football, sobretudo por sua estrutura, não é exatamente o mesmo que no soccer. Isso cria uma tensão, um ser enfocado, descrito com uma palavra em inglês que me agrada muito: *alertness*, a tensão totalmente aberta, essa tensão muito grande: “será que vai haver alguma coisa?” A segunda função – e esta é central para mim e também a mais complicada – é a função da boa jogada. Eu descreveria uma boa jogada como epifania da forma, como evento (também é possível dizer de maneira ainda mais complicada: epifania da forma como presença e como evento). Creio ser evidente que se pode chamar uma boa jogada de forma. Mas por que digo: “Forma como evento”? Há três ou quatro elementos que me levam a dizer isso. Em primeiro lugar, é evento porque a forma de uma boa jogada sempre tem que se impor contra a ameaça da entropia, contra a ameaça do caos, ou seja, contra a defesa como perigo. Em segundo lugar, ainda que no American football as jogadas estejam previamente programadas, o espectador não as conhece; assim, uma boa jogada surpreende o espectador, ou como dizem, “ela o golpeia” (*it hits him*). O importante, é que a boa jogada produz uma forma, é uma forma no sentido de “objeto temporalizado”. A forma de uma boa jogada, que só pode existir como temporalizada, faz com que uma fotografia nunca possa captar uma boa jogada. Teremos que recorrer ao vídeo ou à nossa memória, mas nenhuma fotografia pode captar uma boa jogada. Além disso, sempre que uma boa jogada se realiza, ela se acaba, desaparece sem deixar vestígios. É uma forma pura e temporalizada. Finalmente, digo que a emergência, a “epifania da forma” é uma “produção de presença”. Nesse sentido, é uma forma incorporada, uma forma que pede espaço, uma forma de corpos reais.

A terceira função que vou descrever é a função de uma oscilação entre finalidade e telos. Novamente utilizo aqui a distinção famosa (e relativa) produzida por Kant. “Finalidade” seria o atributo que convém a um elemento ou função sempre subordinada. Sempre que Kant fala de finalidade, há um nível mais alto do que aquele ao qual a finalidade

se refere. Em alemão fala-se em *Zweck* quando a finalidade é uma função subordinada. Nesse sentido, voltando ao American football, podemos dizer que o movimento de cada jogador em uma jogada é uma finalidade em relação ao telos de uma boa jogada. Seguindo o mesmo raciocínio, podemos dizer que a boa jogada é uma finalidade em relação ao telos do drive, quer dizer, manter a posse de bola. Podemos dizer também que o drive é uma finalidade em relação ao telos do *touchdown*, do “gol”, logo, podemos dizer que o *touchdown* é uma finalidade em relação ao telos da vitória da equipe. E, em seguida, podemos dizer... Não, não podemos seguir! Do ponto de vista dos espectadores, a vitória da equipe é o telos absoluto. Ou seja, precisamente não podemos trocar por nada essa vitória da nossa equipe na vida cotidiana, é um valor que só vale no estádio e isso corresponde ao que Bakhtin descreveu como a “insularidade do jogo”. Para o espectador há uma insularidade absoluta do jogo e eu creio que isso se relaciona com a primeira função, a função ôntica. Assim, a meu ver, o que todos os esportes de equipe produzem é uma tensão aberta, intensa, tão intensa que só pode se manter por duas ou três horas. Podemos pensar, então, em uma fórmula breve para sintetizar essas três funções: Em um primeiro nível (o da primeira função) coloca-se o contraste entre algo ou nada; se há algo, a jogada começa. Em um segundo nível, instaura-se a pergunta: “vai haver caos (função entrópica) ou forma (função neg-entrópica)?” Se há forma, e não caos, coloca-se a pergunta “será possível continuar ou não?” Se não puder continuar, isso quer dizer que é um “gol”, que é um *touchdown*.

Passo agora ao futebol. O que vou fazer é redefinir essas três funções; vou tentar voltar a cada função, ressaltando os aspectos que creio que o futebol compartilha com o American football e os aspectos em que diferem. Começo com a redefinição da função ôntica. O contraste, evidentemente, entre o estádio vazio e a ação compacta durante duas horas existe também, mas não existem os outros contrastes tão claros entre ação e não-ação. Não há momento de freeze por exemplo, isso é totalmente impensável no soccer. E isso me leva à hipótese de que, no primeiro nível, se o contraste “nada/ação” é importante para o soccer não o é tanto quanto para o American football.

O contraste importante para o futebol é aquele entre nada, por um lado, e a continuidade do movimento, por outro lado. Não se trata de um evento, mas de continuidade, de movimento, em oposição ao nada. Isso poderia levar – e é isso mesmo que gostaria de discutir com os debatedores – a uma conotação mais “existencialista”, poderíamos dizer, porque esse movimento contínuo implica um desafio contínuo. Em cada momento há desafio, não há um momento neutro em que um jogador de futebol poderia falar extensamente com o técnico, também não existe o *time out*. Nesse sentido, o fascínio do American football é mais nesse nível ontológico, enquanto que o soccer tem mais um apelo existencialista. Quero dizer que o tipo de identificação é muito diferente. É interessante observar que há menos protagonismo no futebol americano; alguém como um Pelé ou um Ronaldinho, creio que seria quase impensável.

A segunda redefinição é a da forma como evento ou “epifania da forma” como evento. Existe também no futebol, no soccer, a boa jogada, a forma como evento. Creio, contudo, que há duas diferenças em relação ao American football. Em primeiro lugar, a boa jogada no soccer não sai do nada, ou seja, da não-ação, sai da continuidade do movimento. É algo que tem gerado muito contraste com a Alemanha em relação às equipes brasileiras, sobretudo, a seleção, o movimento muito lento, e de golpe, vem o passe rápido e genial, toda essa mudança de ritmo. No futebol americano não há mudança de ritmo porque as jogadas são cortadas e parceladas, a possibilidade de haver um movimento lento seguido de uma jogada rápida, de haver a mudança de ritmo quase não existe no American football. Além disso, no futebol, as equipes não estão confrontadas como princípios absolutos de entropia e de neg-entropia porque não há muita clareza sobre quem é ofensivo e defensivo no jogo. Creio que o confronto maior se dá no sentido de intencionalidade e contingência. Vou explicar brevemente. A intenção de controlar a bola, o movimento para controlar a bola é muito importante porque o controle da bola nunca está garantido como no American football. No futebol é possível perder o controle da bola a qualquer momento, até com um passe da própria equipe. Isso é o que eu chamaria de “contingência”, o que pode acontecer está fora do controle da

equipe. E, finalmente, redefinição da função oscilação entre finalidade e telos. No futebol, existe a mesma impossibilidade para o espectador de converter a vitória de sua equipe em dinheiro, por exemplo. Se a equipe ganha está bem, porém só no estádio. Mas a complementariedade da boa jogada é diferente. No American football, a complementariedade de um bom drive é realmente uma coisa totalmente planejada pelo técnico, cada jogador sabe em cada momento que tem que dar três passos à esquerda, quatro passos à direita; a genialidade, a criatividade ocupam um papel bem pequeno, que me agrada, mas de qualquer maneira é muito mais planejado. A complementariedade da boa jogada no soccer, é a complementariedade entre intencionalidades, por isso, fala-se muito no futebol e nunca se fala no American football. Se dizemos que “dois jogadores se entendem cegamente”, como Bebeto e Romário no campeonato de 1994, isso é uma coisa não planejada, acontece espontaneamente, é a complementariedade de intenções realizadas contra a contingência.

Chego, assim, a uma fórmula também sintética para o futebol. Digo, em primeiro lugar, que é uma encenação do contraste entre o nada e o movimento contínuo. Se há movimento contínuo, a pergunta que se instaura do lado de cada equipe é a do contraste entre o domínio (intencionalidade) – minha equipe possui a bola – e a ameaça da contingência: perder a bola para a outra equipe. Não é o contraste entre caos e forma. Se a intencionalidade domina, se a minha equipe domina, instauram-se duas perguntas, que não se instauram assim no American football. Primeiramente a pergunta: “durante quanto tempo a equipe consegue controlar a bola?”, porque o controle da bola, em nenhum momento, está garantido no futebol. E também coloca-se a pergunta: “em que direção se joga a bola?”, porque no American football, coisa que não intencionei, só se pode jogar a bola para a frente, nunca para trás.

Assim, creio que há uma base comum entre American football e futebol, porém, há alguns contrastes bastante interessantes que, basicamente, a meu ver – para dar uma conotação filosófica a esse contraste – é aquele entre um sabor ôntico, por um lado, e existencialista,

por outro lado. Agora, chego à minha pergunta final. A pergunta é, então, se essa distinção que faço entre o American football e o soccer tem algum valor interpretativo, algum valor representativo quanto às culturas. Muitas vezes, como disse no princípio, diz-se “este tipo de futebol é tipicamente brasileiro”, ou “expressão de alguma coisa cultural brasileira”, etc. Não vou colocar a pergunta nesse sentido porque não creio que nenhum esporte seja a expressão de uma substância, de uma alma nacional. Isso seria, para meu gosto, demasiado hermênutico. Mas digo: claro que certos tipos de jogos e a preferência por certos esportes em diferentes países indica quais tipos e modalidades de “produção de presença” uma cultura prefere. Sabemos que o futebol é mais popular no Brasil que o American football, sabemos que há a preferência por esse tipo de “produção de presença”.

Ora, cabe a pergunta: quais são os elementos comuns a todos os esportes americanos e quais são os que parecem mais sul-americanos, ou seja, que se parecem mais com o futebol? O que não existe em nenhum esporte popular norte-americano é o contraste entre nada e movimento contínuo; não há nenhum esporte que tenha êxito nos Estados Unidos que não tenha estrutura parcelada. Esse contraste somente existe no soccer, e, na minha opinião, é o maior problema para a introdução do soccer nos Estados Unidos, não só devido à falta de tempo para a propagação, mas também por seu ritmo que é demasiadamente contínuo. Segundo, o que existe na grande maioria dos esportes norte-americanos e não existe no soccer é o contraste entre forma e caos, entre neg-entropia e entropia, isso acontece no American football, e creio que aconteça também no basketball porque, uma vez que uma equipe está de posse da bola no basketball, muito raramente a perde, pode até acontecer que Michael Jordan perca a bola, mas há muito pouca contingência. Mesmo no baseball, durante uma metade de cada *inning*, uma equipe só pode ser defensiva ou ofensiva; essa contingência de perder a bola, de perder a intencionalidade, ter que controlar a bola, simplesmente não existe. O único esporte popular que tem esse contraste entre intencionalidade e contingência é o hockey sobre gelo. No hockey sobre o gelo, é muito difícil controlar o disco, que pode se perder a cada momento. Mas não é assim no American

football, não é assim no basketball, não é assim no baseball. Outra coisa difícil: parece que o contraste entre intencionalidade e contingência não combina com a encenação do esporte americano. E, finalmente, é interessante observarmos que, dentre todos os esportes populares nos Estados Unidos, o único que está próximo da descrição do futebol, do soccer, é o hockey. Também podemos dizer que é o esporte em que regularmente se joga o disco assim, para trás. Joga-se muito para trás no futebol, sobretudo no Brasil. Mas no American football, não se pode. No basketball, pode-se, mas não se deve fazer. No baseball, não existe equivalente. No hockey, é como no soccer, há muitas jogadas para trás.

Assim, vou acabar com uma recomendação meio séria, meio irônica à FIFA, porque, se posso fazer um prognóstico como habitante e recente cidadão norte-americano, essa nova liga de soccer não vai sobreviver. Essa liga tem, este ano, o segundo ano, a metade dos espectadores que tinha no primeiro ano; e, no primeiro ano, já não tinha o suficiente. Ora, se se pensa o que poderia ser uma estratégia para introduzir o soccer nos Estados Unidos, pergunto, em primeiro lugar, para quê? Para mim, parece muito interessante que se joguem esportes diferentes em países diferentes. Ou seja, não teria nenhuma ambição de jogar hockey sobre gelo no *campus* da USP e tenho muita ambição de divulgar o American football. Mas se se pensa e se a FIFA tem essa *mission from God* de divulgar o futebol internacionalmente, quem sabe e, isso digo meio sério, uma boa estratégia seria pensar em todos os lugares onde o *hockey* sobre gelo é popular, porque esse é o único jogo popular nos Estados Unidos que, filosoficamente, conceitualmente, é parecido. Assim, poderiam pensar, quem sabe, o Canadá seria melhor do que a Califórnia para o futebol na América do Norte. Muito obrigado.

WILLI BOLLE

Sepp, você nos deu aqui uma aula magna. Muito obrigado. Vamos passar agora a palavra aos colegas...

FLÁVIO AGUIAR

Em primeiro lugar, eu queria agradecer o convite do Willi para participar desse encontro e ter o prazer de conhecer o Gumbrecht que eu já conhecia por referências. Em segundo lugar, eu queria dizer que eu estou um pouco surpreso pela natureza do jogo. A informação que eu tinha é que ia ser um jogo entre Brasil e Alemanha, e disputado num campo de futebol, soccer. E agora, de repente, eu me dei conta de que é, na verdade, um quadrangular; porque, não só estão em jogo Brasil e Alemanha no campo do futebol, mas entrou também a equipe do futebol americano e, como o Gumbrecht falou em castelhano, isso aqui virou um Brasil e Argentina. Como se sabe, entre Brasil e Argentina, não há amistoso... É guerra o tempo inteiro. Em terceiro lugar, eu queria cumprimentar, também, o Gumbrecht por essa exposição fazendo a epifania da presença de ambos os esportes: o futebol por comparação com o futebol americano. Em último lugar, nessa introdução também um pouco longa, eu queria dizer que a minha única qualificação para discutir esse assunto é que eu, talvez, seja a única pessoa aqui que já jogou os dois. Os três, se contarmos também o hockey, embora eu tenha jogado uma modalidade de fundo de quintal, sobre gelo, de tênis, com vassoura e bola grande. Não é muito elegante mas é bastante divertido. Então, eu desenvolvi alguma idéia sobre essas questões: do ponto de vista muito mais prático do que outra coisa. Uma questão que eu queria levantar se refere a isso que o Gumbrecht colocou como a epifania da forma e se refere à noção de boa jogada. Outra questão se refere, propriamente, à distribuição do jogo, digamos, isso que ele qualificou como a função ôntica. E depois, queria fazer só algumas observações, envolvendo, então, os esportes e o comportamento, uma vez que esse era o tema que me havia sido dado inicialmente, o comportamento de algumas dessas equipes aqui mencionadas. Sobre a questão da boa jogada, a única coisa que eu tenho idéia é de que, dependendo da forma com que a equipe joga, no soccer, no futebol, existe um telos mais evidente e pronunciado da boa jogada. Uma boa jogada é muito mais um valor em si. Por exemplo, ontem nós vimos o jogo Brasil e Alemanha que acabou em três a três, e há um momento em que o Careca pega a bola e sai fazendo balãozinho na ponta. Aquilo, do ponto de

vista da finalidade do jogo, que é ganhar do outro time, é uma inutilidade... ele deveria ser multado pelo técnico por ficar perdendo tempo, embora o Brasil estivesse ganhando de um a zero, ou alguma coisa assim. Mas aquilo é uma boa jogada, aquilo é uma finalidade em si mesma. Aquilo é uma epifania da forma porque atinge, eu penso, o objetivo do futebol que é a mineralização do adversário. Quer dizer, deixar o adversário aplastado, colocá-lo no seu lugar. Aquilo que é simbolizado, por exemplo, no futebol, pelo gol. O gol deixa o goleiro caído ou imóvel, aplastado; tira o equilíbrio dele. Então isso é o telos, eu diria, do futebol: mineralizar o adversário, reduzi-lo à condição de natureza. À outra questão, que diz respeito à distribuição do jogo, se refere à noção de espaço vazio. Espaço vazio e a contrapartida: preencher o espaço. Eu penso que, no futebol americano, assim como no basquete e, de certa forma, como no *baseball* e no *hockey*, também não há espaço vazio. Porque o jogo se dá inteiramente entre os jogadores e pela posse da bola. É impossível, por exemplo, no futebol americano, uma jogada como: lançar a bola no espaço vazio; ou se faz o passe para alguém ou não se faz. Não há essa noção, digamos, de você jogar a bola num ponto e o jogador ter que correr até lá. No futebol americano você joga a bola para um *catcher* à frente, mas o passe é preciso: ele já está correndo para receber, e frequentemente já está sendo marcado pelo adversário. O sucesso do passe vai depender da precisão do *quarterback*, da velocidade do receptor e da sua agilidade para pegar a bola. A relação é direta, sempre, entre o que passa e o que recebe. No futebol uma grande jogada e muito eficaz é a de lançar a bola no “espaço vazio”, à frente, atrás, ou para o lado, onde aparentemente não há ninguém – mas vai haver. Isso muda a condição do jogo porque eu penso que, no futebol, existe uma luta, ao mesmo tempo que existe a luta pela boa jogada – quem mineraliza o adversário, driblando – existe uma luta pelo preenchimento dos espaços. Ontem, quando nós vimos o jogo Brasil e Alemanha, isso ficou muito claro. No primeiro tempo, não havia espaço para a equipe alemã jogar; no segundo tempo, eles ocuparam o espaço. Ocupar o espaço não significa só estar com a posse da bola, na verdade, significa distribuir – de certo modo significa prever o futuro – distribuir os jogadores de modo que as jogadas do adversário sejam, mais ou menos, contidas pela própria equipe. Eu penso

que isso remete também a algumas formas de presença e ausência nesses esportes que são ditos “nacionais”. Eu concordo com o Gumbrecht que é impossível dizer que uma equipe representa a alma nacional ou coisa que o valha, mas que há esportes que, galvanizando coletivamente, galgam esse posto de serem considerados esportes nacionais. O futebol americano, até como, para nós, o nome diz, é um jogo profundamente identificado com os Estados Unidos, assim como o futebol é identificado com vários outros países e é identificado como um esporte nacional nesses países. Assim como o *hockey*, por exemplo, eu penso que ele é identificado como um esporte nacional, eu diria nem no Canadá, é no Quebec, é em Montreal; quer dizer, o *hockey* sobre o gelo é um fenômeno de Montreal. Eu penso que a diferença está na direção de que esse dado de haver a possibilidade do espaço vazio no futebol indica, propriamente, uma presença; é uma presença outra que não é propriamente do humano. Eu penso que o futebol é um jogo que se joga contra a natureza. É uma espécie de teologia sem deus, não há deus. E aí, se me permitem a expressão, eu diria que é uma teologia do corpo, nesse sentido de preencher os espaços porque o espaço é traçoceiro. Preencher o espaço vazio significa neutralizar a possibilidade de que o espaço vazio te traia, ou seja, que a bola se perca ou que o adversário recupere a bola e comece, por sua vez, imediatamente, um ataque. No futebol americano, isso se dá muito mais num jogo absolutamente entre homens – e aliás, são homens mesmo porque até o momento não há futebol americano de mulheres, embora aqui comece a haver... o futebol de mulheres – esse confronto se dá entre duas equipes radicalmente humanas e elas é que têm que controlar o jogo entre elas. A tal ponto isso chega, essa presença do humano que, na verdade, o futebol americano é disputado, ao mesmo tempo, por quatro equipes: são duas equipes defensivas e duas equipes ofensivas que jogam cruzadamente, mas elas nunca disputam entre si, a não ser no momento em que ocorre esse descaminho, que é a *interception*, então a equipe defensiva, momentaneamente, desempenha uma função ofensiva. Isso me leva a algumas considerações muito gerais sobre o tema inicial... Eu penso que há, por *n* razões, nas manifestações desse esporte algumas visões epifânicas de formas messiânicas. No futebol americano, parece-me que os jogadores disputam o jogo contra si mesmos. Isto é: “supera-te e chegarás à

glória; se conseguiremos realizar toda essa série de requisitos contra um adversário que está numa posição, claramente, inferiorizada, chegarás – esse chegarás pode ser no plural também – chegarás à glória”. Já no futebol, eu penso que a situação é outra... Eu penso que, inclusive, como o futebol é um esporte jogado mais variadamente ao longo do mundo, em cada circunstância, se colocam telos distintos. Por exemplo, falemos na equipe alemã... não só na que vimos no vídeo, ontem. Embora não tenha a experiência do Gumbrecht, lembro-me de ouvir no rádio a transmissão do famoso jogo Alemanha x Hungria em 1954, em que a Alemanha, depois de estar perdendo de dois a zero, venceu de três a dois e ganhou a Copa do Mundo. Ontem vimos o jogo aqui em que a Alemanha, depois de estar perdendo de três a zero, empatou com o Brasil em três a três. O que eu vi ali foi um pouco de uma manifestação de uma ética baseada no princípio: “trabalha e serás recompensado; e se todos chegarem lá, tu chegarás também”. O que eu penso que é um sentimento, quer dizer, é uma fabulação, eu estou fazendo uma interpretação aqui, é uma fabulação muito presente no esporte alemão. Por fabulação, eu entendo não só o jogo, mas o jogo mais as estruturas de significado que os personagens investem nesse jogo: os jogadores, a assistência, o comentarista, todos eles. Do lado do Brasil, o que nós vimos foi mais uma manifestação de que “o paraíso está ao alcance da mão”. O Brasil estava ganhando, três a zero; um a zero já era o suficiente para o outro começar a fazer embaixadas dentro do campo... e acabou perdendo, quer dizer, perdeu o jogo. O jogo de ontem foi três a três, mas, na verdade, a Alemanha ganhou o empate e o Brasil perdeu o empate. Esse jogo, e muito do estilo brasileiro em campo parece dizer: “O paraíso está ao alcance da mão, ou ao alcance do pé; se tiveres a graça de chegar lá, todos irão contigo ou vão te admirar. E uma vez lá, aproveita e goza porque ele é curto”.

ANTONIO MEDINA

Gostei muito da sua exposição, Gumbrecht. Quero lhe dar, então os parabéns por sua simpatia, seu modo muito claro, muito empolgado de expor e pelo talento que você tem, não em fazer uma

associação entre a filosofia e as modalidades esportivas, mas de buscar um fundamento comum entre elas. E foi, justamente, esse aspecto que me prendeu mais a atenção: o fato de que o Gumbrecht não fez uma analogia entre o pensamento, a filosofia e a prática esportiva; ao contrário, ele tentou encontrar uma raiz comum que, para mim, está naquela diferença que ele estabeleceu no futebol americano entre o silêncio e o reinício da competição. E eu achei, também, bastante interessante como ele caracterizou esse silêncio em sua oposição com o reinício das ações. Então, ele disse que isso tinha um caráter mais ontológico quando comparada com *soccer*, que tem uma característica mais existencial. O ontológico aí, eu entendi no sentido de: há a ação ou não há, absolutamente, ação. Então, acompanhando esse caráter ontológico, eu vi, aí também, um paradigma do raciocínio dele, como fundamentado numa espécie de lógica das proposições. A lógica das proposições se inspira nessa dimensão ontológica: ou é o ser, ou é o não-ser. É muito diferente mesmo do futebol jogado no mundo inteiro, não me parece ter esse caráter proposicional, estabelecendo, digamos, agora vou falar simbolicamente, vou alegorizar um pouco, o patético da morte e o símbolo da vida... Pois é isso que me parece estar representado, condizer muito com a civilização americana de um século e meio para cá; sobretudo porque o americano tem uma forma de encarar o vazio, a morte, uma forma prática, codificada de encarar os limites da existência. Agora, no caso do *soccer*, não vejo essa oposição proposicional. Quer dizer, ou uma coisa existe ou uma coisa não existe e esta é a estrutura *ab ovo* desse esporte. No caso do futebol no Brasil, existe um caráter mimético que não há no futebol americano. Como, mimético? No sentido de que a prática futebolística jogada com o pé está muito próxima da cotidianidade natural da nossa vida. Se nós jogamos, num campinho qualquer, uma bola, a garotada vai jogar; mesmo aquele que nunca jogou bola, ele vai correr atrás da bola. Isso está a um passo da vida, a um centímetro da vida; coisa que não está no futebol americano que é todo codificado, é um domínio sobre a natureza, é um outro tipo de organização da vida, é um tipo, digamos, metonímico, estabelecido, com uma verdadeira álgebra... e no caso do futebol, não. Embora o futebol tenha sua codificação de regras, estas estão próximas das regras mais frouxas

da vida cotidiana. Para dar um exemplo: se eu chego a um país africano e jogo lá uma bola de futebol americano, eu volto, depois de três anos e não vejo futebol americano; mas se eu jogo uma bola das nossas, posso depois encontrar uma seleção. Aliás, uma boa seleção, que traz novidades para o discurso futebolístico, como nas recentes Olimpíadas, onde tomamos uma lição. Então, eu vejo o futebol, o *soccer*, como muito mimético e o paradigma central entre vencedor e vencido é o do escravo e do senhor. Quer dizer, no futebol, existe sempre o perigo de, perdendo-se, virar escravo; e de, ganhando-se, virar senhor. É coisa meio carnavalesca, porque a cada semana muda tudo de novo. O jogador, quando é derrotado na semana, fala: “bom, a gente tem que ser humilde...”. Humildade, a coisa do escravo: “Temos que ser humilde, abaixar a cabeça, jogar com toda a consciência, ir na jogada, esquecer a derrota, aquilo foi a derrota...” Então, ele é menininho de engenho quando perde. Depois, quando vence, fica insuportável. Então, eu acho que esse paradigma, que é natural... eu chamo de paradigma natural nas populações que eu conheço, nos povos que eu conheço melhor... não existe no futebol americano, onde você tem uma coisa, mais ou menos, semelhante à estrutura dos poemas homéricos. Nos poemas homéricos, ocorre esse intervalo. Parece que não, na *Ilíada*, parece que é porrada atrás de porrada. Mas não é não... porque são muitas e muitas cenas e cada cena tem o seu final. Há um silenciozinho, come-se um churrasco e, depois, volta-se para a porrada de novo. Então, o americano é uma coisa mais épica. O nosso não, é uma coisa mais irônica, mais imitativa, que estabelece uma imitação natural da cotidianidade e, no futebol americano, não aconteceria isso; é um jogo mais logaédico, já estabelece um tipo de patetismo que é um patetismo mais transcendental; o nosso é sociológico: “ganhamos, somos os melhores, e tal...” Há times de bairro... há tudo isso. E, no futebol americano, então, me parece que a coisa tem um tipo diferente de semiótica. Ainda, retomando um pouco, eu acho que aquela idéia que você falou, da hósta, de trazer o presente, de fazer com que o presente tenha eloqüência... parece-me que é um dos grandes lapsos da vida contemporânea. É que a gente vive no passado ou no futuro, quase não vive no presente. Quer dizer, fisicamente nós estamos no agora, mas, o Martin Buber, por exemplo, tem

uma especulação muito boa sobre isso.... nós vivemos muito no passado ou muito no futuro; no presente, nós não temos atividade muito expressiva. Parece-me que o futebol tem mais esse lance da presentividade justamente porque a regra nele não é tão forte. Ele tem uma atividade física mais completa, mais polimorfa; o futebol americano já me parece muito melonômico, já encaixado, como nos poemas homéricos em que cada verso tem estrutura; cada constituição de estrutura já é, mais ou menos, fabricada. Então, eu acho que a conquista do presente, o que um filósofo da Idade Média, o Duns Escoto, chamava de *aecceitas*, quer dizer a filosofia do “isso”, do isso que está acontecendo agora e que pode ser aquilo ou muito pelo contrário; mas sempre é uma coisa indicial, que está apontando ou sendo apontada. Isso me parece que ocorre no futebol e, por isso, ele é eleito, no mundo inteiro, sobretudo nos países do Terceiro Mundo, como uma grande coisa, como um interpretante da cultura. O futebol, cada vez mais, nos países pobres, está sendo uma forma de acesso à literatura, ao pensamento, ao protesto social... porque, sendo mimético, e de um mimetismo tensamente aderido à realidade, tem possibilidades de interpretar essa realidade. Ele não é um erga, como no caso do futebol americano que é um belíssimo produto da civilização americana. Nós não temos esse luxo, o nosso futebol tem que ser a nossa cirurgia. Então, é assim que eu vejo essa diferença. Mas uma vez, parabéns pela exposição.

José MIGUEL WISNIK

A exposição que nós ouvimos foi extremamente rica e provocadora ao procurar mostrar que os jogos não são suscetíveis de interpretação; o fundamental neles seria algo que resiste à “interpretabilidade”, enquanto a interpretação quer tomar o corpo que está em presença e a produção de presença que o jogo produz como significante de uma “outra coisa”. Foi, portanto, acusado um defeito de perspectiva naquele tipo de reflexão sobre o futebol e outros esportes que os tome como modo de remeter a um suposto sentido simbólico, alegórico, explícito ou cifrado. Foi mostrado, assim, que antes de mais

nada os jogos querem produzir uma presença que, ela mesma, resiste à delegação de sentido. Ao lado disso, assinalou-se que a produção contemporânea de presença tem a marca fugidia de um *ioiô*, de algo que se aproxima e que se afasta e que portanto, enquanto presença mesma, não pode ser inteiramente capturada. Nesse sentido, sua forma talvez mais exemplar ou primeira de manifestação seria essa espécie de suspensão entre o ser e o nada que foi detectada como pontuando a cada momento o futebol americano.

Foi extremamente interessante por outro lado que esse *parti pris*, quer dizer, essa tomada de posição contra a idéia de que no esporte haja sentido interpretável, tenha derivado, ao longo da exposição, para uma certa recuperação de sentido; ou seja: depois que a bola rolou o jogo foi fazendo sentidos. E isso não só no modo como o Flávio leu, depois, os vários esportes e a relação entre eles, mas na própria exposição do Gumbrecht. Seria interessante, filosoficamente, perguntar como isso acontece. Talvez, a gente devesse pensar no fato de que os jogos são ao mesmo tempo produção de presença e produção de sentido; e que essa produção de sentido é tão fugaz quanto a produção de presença. Se há um *ioiô* entre a presença que se acerca, que se aproxima e que foge, haveria também, nos jogos, algo como um sentido que se aproxima e que foge. Nesse caso, poderíamos dizer que os jogos fazem sentido, embora isso não elimine o fato de que a crítica a uma hermenêutica do esporte como fixação de significação continuasse válida; ou seja, nós podemos refazer esse percurso que leva da não-hermenêutica a uma reavaliação das relações entre produção de presença e produção de sentido.

Sobre isso, então, eu queria fazer alguns comentários que dizem respeito ao nosso próprio encontro, tomado como exemplo: ele foi ardorosamente preparado por nós, em equipe, com um afã acadêmico e transdisciplinar raro. Ontem nos reunimos aqui, o Flávio, eu e o Willi (o Medina não pôde vir) para assistir o jogo de junho de 93 – Brasil x Alemanha, três a três, tomado como “texto” básico do encontro. Nas circunstâncias, o jogo, muito bem escolhido pelo Willi, dificilmente poderia deixar de ser um empate. E se emblematicamente

ninguém poderia ganhar, isto vai muito além de um simples questão de cortesia. É que o antagonismo paradigmático entre duas grandes escolas de futebol, redobrado com divertido prazer por esta mesa de professores aficionados, envolve uma espécie de rito de confronto das diferenças entre Brasil e Alemanha (oficiado pelo Prof. Willi Bolle também como um rito particular de resolução da dupla nacionalidade).

No capítulo “A ciência do concreto”, d’ *O pensamento selvagem*, Lévi-Strauss diz que o jogo pode, às vezes, ser jogado como rito. Ele cita o caso de tribos da Nova Zelândia que aprenderam a jogar futebol e que não o faziam para que um time vencesse o outro; ao contrário, jogavam o tempo necessário para que houvesse empate. Ou seja, a produção de presença, naquele ritual, queria ser a produção de um sentido que se expressava no fato de os dois times, de algum modo, marcarem entre si uma diferença a ser reduzida, através do jogo de compensações do rito, a uma igualdade final. Lévi-Strauss diz que o rito é convergente e o jogo divergente; ou seja, o rito parte de uma diferença entre campos opostos (postulados, por exemplo, como o dos vivos e dos mortos, de certo modo correspondente ao nosso totêmico casados x solteiros) mas justamente para promovê-los a uma condição de paridade e convergência. Ou seja, parte-se de uma desigualdade para atingir a igualdade; ao passo que, no jogo, parte-se de uma igualdade abstrata, estampada no zero a zero do placar, para que o seu desenvolvimento produza a diferença; ao final do jogo, um dos times poderá ter saído vencedor do outro, embora seja do fundamento do jogo que essa diferença seja depois zerada para que o jogo possa recomeçar novamente dessa espécie de neutro fundante que o origina.

Então, nós temos aqui e estamos tendo, de certo modo, oficialmente pelo Willi, um rito de aproximação à questão do jogo e às diferenças Brasil x Alemanha como um convite a estabelecer um lugar possível em que essas diferenças se compensem, de algum modo, e se expressem como uma possível paridade. Este movimento eu acho que é indicador dos múltiplos modos como as regras do jogo são

adaptadas à necessidade que temos de, ao jogar, de algum modo permeanar o jogo com investimentos daqueles que estão jogando, dentro ou fora do campo. Com isto, eu estou querendo postular a idéia de que, no campo de jogo, onde se produz a presença, estão investidas tendências formadoras de sentido que escolhem o jogo e que jogam o jogo. Afinal, se Gumbrecht mostrou que é impossível, inútil, inviável e, em última análise, desnecessário pensar em implantar o soccer nos Estados Unidos, é porque ali essa forma da produção de presença *não faz sentido*. A própria análise que ele fez mostra que não há um esporte popular americano em que a idéia da planificação e da articulação não esteja presente em cada momento e que, portanto, não haja uma jogada que, além de poder ser interpretada como boa, no sentido da epifania da forma, não possa ser interpretada como um passo e um movimento na quantificação geral do jogo. Ou seja, não há movimento que não seja diretamente relacionado à codificação da quantidade; e essa é uma diferença fundamental entre o futebol americano e o futebol tal como ele existe no resto do mundo; porque, de fato, se implantou, se constituiu e se firmou no mundo americano um tipo de jogo onde é possível, a cada momento, saber que um movimento avança tantas jardas ou as recua. O campo é uma régua estampada em que uma jogada pode não atingir seu objetivo, mas ela necessariamente estava sendo reticulada por uma cartografia da quantidade inscrita no próprio terreno.

Nós podemos dizer, baseados na própria clareza da exposição feita por Gumbrecht, que os casos do basquete, do vôlei e do beisebol (com a exceção do hockey) são a seu modo comparáveis, nesse sentido: todos esses são jogos em que a malha da quantificação é suficientemente apertada para não deixar que o jogo se desenvolva em áreas livres dela. Desse modo, essas modalidades de produção de presença supõem um campo comum de produção de sentido implicado entre elas, o mesmo que faz com que não faça sentido presentificar o futebol, tal como nós o concebemos, num mundo onde a quantidade não possa ser aferida a cada passo. A insistência desse tipo de escolha no contexto americano pode ter nexos históricos, sócio-culturais, cuja interpretabilidade pode se constituir numa interrogação

interessante. Em qualquer caso, no entanto, o saldo está na constatação de que o futebol não representa algo a ser interpretado, mas apresenta algo que chama e foge à interpretação (de certo modo, como a música).

Nesse sentido, o futebol mundial, o do resto do mundo, é um jogo de grandes zonas de variação existencial, como foi muito bem colocado por Gumbrecht e glosado pelos comentaristas. Há uma margem de acontecimento muito grande que pode não se traduzir nem numericamente no resultado do placar e nem, espacialmente, numa perda ou ganho de terreno; porque pode-se avançar e pode-se voltar, pode-se perder a bola e estar com ela em momentos sucessivos e o jogo pode passar longo tempo sem que nada “aconteça”. Mas isto é que dá a ele aquelas flutuações fabulares e literárias, se quisermos, e se pensarmos que ele admite variações épicas, líricas, paródicas, carnavalescas, momentos dramáticos... que são instâncias que aparecem e desaparecem, concentradas e discentidas numa temporalidade complexa que pode fazer de uma partida, às vezes, uma verdadeira sinfonia de Mahler.

No jogo que nós vimos ontem, afinal, a escolha revelou-se significativa também porque aquela partida é quase uma síntese do futebol brasileiro e do futebol alemão, naquilo que essas seleções vivem ao longo de suas sagas. Porque é curioso que, no primeiro tempo, o Brasil venceu de três a zero; no segundo tempo, a Alemanha venceu de três a zero. Sendo que eram, naquele momento, – permitam-me interpretar, mas interpretar como um jogo poético, no caso – duas seleções com três títulos mundiais testando suas forças às vésperas de uma nova Copa do Mundo que poderia alterar esse quadro a favor de uma ou de outra. O número três, por sua vez, é um número fundamental – eu não estou falando em termos místicos – à estrutura narrativa. Penso nas triplicações fabulares que compõem a morfologia do conto popular, por exemplo, tal como descritas por Propp. Um acontecimento único é quase um acidente, sua repetição pela segunda vez pode ser acaso, mas três vezes configuram uma estrutura, uma ordem das coisas. Por isso, três vezes garantem ao time a conquista

definitiva da Copa, como num conto de fadas. Na partida "ritual" que assistimos, as duas equipes se impuseram através da triplicação recíproca que ressoava suas conquistas anteriores: no primeiro tempo, os três gols brasileiros; no segundo tempo, os três gols alemães. Os gols brasileiros foram gols que resultaram da criação de espaços onde os espaços não existem; é justamente o movimento de variação do ritmo da jogada que permite que uma bola suja num lugar inesperado e que possa, portanto, resultar um gol de uma jogada imprevista e algo paradoxal porque o jogador surge num lugar onde ele não estava e a bola surge num lugar onde não estava, portanto, parece ocupar um lugar que não existia para ela. Pasolini escreveu sobre as várias escolhas de futebol como comparáveis aos gêneros literários: O Brasil (da Copa de 70) jogaria um futebol poético, segundo ele, não-linear, mais oximórico que silogístico (poderíamos dizer) ao fazer com que a bola esteja onde ela não está, de passar por um espaço impossível. Ao passo que existe futebol jogado em prosa, às vezes boa prosa realista, às vezes, uma prosa protocolar. Nada obriga a que uma seleção nacional siga um determinado estilo, mas, digamos, existem estilos tendenciais que caracterizam as nações futebolísticas, fases em que esses estilos entram em crise ou em contradição consigo mesmos, fases de fastígio, de perda ou redescoberta, etc. Por exemplo, no Brasil, a questão fundamental é uma oscilação permanente entre a potência e a derrota; que é o que está expresso em Nelson Rodrigues: o fato de que o Brasil seria uma potência mundial no futebol que carrega consigo o "complexo de vira-lata" que o faz perder quando parecia já ter ganho ou quando poderia ter ganho. Esse movimento vem da Copa de 50 como tragédia: construiu-se o maior estádio do mundo, esteve-se com o título na mão, estava-se ganhando quando era preciso apenas um empate e o time foi tomado de uma espécie de apatia em campo, uma abulia que lembra as narrativas que temos sobre D. Sebastião na batalha de Alcácerquibir. Em suma, perde-se o que parecia inequivocamente conquistado, e até talvez por isso mesmo. É sintomático, nesse caso, que a taça Jules Rimet tenha sido conseguida pela triplicação macunâmica (o tricampeonato) e, depois, por uma confusão entre o original e a cópia, ela tenha sido roubada por alguém, não se sabe quem e tenha se transformado, talvez, em dente de

malandro.... Como a muiquiriã de Macunaima, ela é aquele bem que se conquistista, que se teve a capacidade de se conquistar e de perder, sugerindo justamente aquela tentação do paraíso próximo e ao mesmo tempo curto enquanto se o goza (como o Flávio tinha observado a respeito do 3 x 3 exemplar). Enquanto que a Alemanha, por seu lado, realizou ali o evento épico de renascer das cinzas, o que não deixa de ser um padrão mítico da experiência alemã (o Flávio falava sobre isso ontem).

Portanto, produção de presença e produção de sentido estavam aí o tempo todo, flutuando. Eu gostaria que esses comentários enriquecessem a discussão, no sentido de acolher a pertinência das observações iniciais e de matizá-las.

WILLI BOLLE

Depois dos comentários dos professores Flávio, Antonio e José Miguel, vamos ouvir a resposta do Professor Sepp Gumbrecht.

HANS ULRICH GUMBRECHT

Começo com três observações preliminares. Primeiramente, queria agradecer ao Flávio pelo que ele disse sobre o *hockey* sobre gelo. É o esporte por excelência de Montreal; lá, eles vibram com *hockey*. Segundo, eu queria mencionar, como homenagem ao Brasil, que a primeira partida que eu vi na televisão foi Brasil vs. Suécia, 5 a 2, em 58, a primeira Copa do Mundo transmitida pela televisão. Na-morei com o Pelé, claramente, queria ser Pelé, Pelé jovem, Didi, Pelé, Vavá, etc. Ainda poderia reproduzir os nomes dos onze jogadores...

Eu tinha medo, de certa forma, que a minha posição, tão acentuatadamente não-hermenêutica, recuperasse, de certa forma e apesar da minha intenção, aquela dimensão de sentido. Percebi isso enquanto preparava a palestra. Mas seria interessante dizer, se não posso evitar

aqueila retomada de sentido, qual seria a coisa especial naquele retorno. Talvez seja uma coisa que se poderia chamar de “produção de sentido a contrapelo”, uma produção de sentido sob condições muito negativas. Seria como se fosse um ritual feito para não produzir sentido e do qual, finalmente, emerge o sentido. Seria uma fórmula muito interessante para se desenvolver, uma tarefa que tem futuro. Como vocês vão ver, vai ter futuro no meu livro... porque acho que é uma dimensão nova e importante. Que daqui não deveria sair sentido, concordamos – no entanto, emerge sentido. Mas, o que isso quer dizer: que emerge sob condições muito negativas? Essa seria uma pergunta muito interessante que não vou perseguir sistematicamente, mas que vai ser um pouco o *leitmotiv* para os meus comentários aos três colegas.

Emergência de sentido quando não deveria sair sentido – o que quer dizer isso? Parece que a gente concorda sobre a produção de presença, é uma boa fórmula. Mas, então, apesar disso, produz sentido. Algumas observações mais particulares: primeiramente, esse contraste é interessante, é verdade que a boa jogada não finalizada não existe no American football, é impossível. É totalmente impossível que o jogador mais elegante do football, hoje em dia, o Jerry Rice, faça uma jogada que não tenha um fim, que não seja finalidade para um telos... Nesse sentido, poder-se-ia dizer que a hipótese da jogada como emergência de forma é ainda mais verdade no futebol, no soccer, do que no American football, porque no soccer é cabível que essa forma não seja finalizada.

Vamos agora à questão da distribuição do espaço. É interessante que, historicamente, existia espaço vazio no American football, porque o football emergiu somente como jogo de college. Só nos anos 20 começa a ser praticado de modo profissional, mas de uma forma muito ruim; só a partir dos anos 50, 60 se vai preparando para a glória atual... Nos anos 20, quando o quarterback tinha a bola, normalmente não lançava a bola, só entregava a bola. As poucas vezes que ele lançava a bola, gritava “ball”. Quer dizer que ainda não tinha jogada preconstituída, mas era, ainda, o jogo (desesperado) no espaço aberto. Ele dizia “ball” para os jogadores fazerem qualquer coisa com

a bola. Então, nesse sentido, o espaço vazio é um fenômeno histórico. É verdade que, hoje em dia, não existe espaço vazio. A coisa é interessante porque vai se ligar com as outras observações. Quando o jogo está em andamento, é verdade que não existe espaço vazio, mas existe espaço vazio quando o tempo está parado, porque, neste momento, o campo está totalmente vazio. Então, quando se joga, não há espaço vazio como no futebol, mas, quando se pára, há um espaço totalmente vazio. A distribuição entre espaço vazio e espaço ocupado é importante nos dois jogos, mas a distribuição é totalmente diferente. É a minha hipótese que essa distribuição diferente de espaço vazio e espaço ocupado produz tonalidades teológicas, religiosas, ritualísticas, diferentes... Acho que todas as observações que vocês fizeram convergem sobre a questão das tonalidades diferentes, numa perspectiva quase teológica ou religiosa. (Não gosto de dizer: quase religião, mas é uma coisa assim.) Talvez no seguinte sentido: quando dizemos que, no geral, o espaço vazio é um espaço transcendental, tem uma relação com a transcendentalidade, a transcendentalidade do American football fica mais absoluta porque é uma transcendentalidade que nunca permeia o jogo, mas que, constantemente e sempre, está no âmbito do jogo. Então, seria um pouco o contraste entre teologia cristã e teologia islâmica. O deus da teologia islâmica é absolutamente transcendental; é impossível ter um diálogo com Alá, absolutamente impensável. Santos, no sentido cristão – como medidores – não existem. Nesse sentido, então, se poderia dizer que, se nos dois jogos, existe o vazio como equivalente da transcendentalidade, esta fica mais absoluta, mais isolada no futebol, como você disse, permeando o jogo. No American football, nunca vai permeando o jogo; historicamente talvez sim, mas hoje, não.

Então, continuando com minhas observações sobre aquelas diferentes tonalidades, vou fazer três observações finais. Primeiro, acabei a parte sobre o American football com aquela fórmula bem proposicional: primeiro nível, algo ou nada; segundo nível, se existe algo, caos ou forma; e terceiro, se existe forma, continuação ou fim. Quando tentei inventar uma fórmula semelhante para o futebol, não me saiu bem. Parece impossível descrever o futebol, o soccer, com uma fór-

mula tão nítida, tão proposicional, tão de lógica analítica porque tem uma teologia, uma religião muito mais permeável como a vida diária.

Segundo exemplo: é um exemplo sobre os meus dois filhos, um tem 19, outro tem 8 anos, jogam American football. O mais velho, quando sofreu uma derrota... é horrível uma derrota para um jogador de American football, é terrível. Então, ele voltou para casa e ficou feroz, ficou deprimido, com depressão clínica. Eu falei assim: “(...) mas você tem tido um jogo muito bom, né? O time perdeu, mas...” Ele me dizia laconica e claramente: “fuck you!”. A consolação cristã de dizer “perdeu, mas com humildade...” não existe. A derrota é total. Para mim, é como um paralelismo estrutural com uma transcendentalidade absoluta e essa outra transcendentalidade, que tem a capacidade franciscana do cotidiano de fazer jogos, que seja um pouco suja, mas não tanto. Isso, no American football, não existe.

Finalmente, vou fazer um comentário sobre aquela tonalidade religiosa. Não é uma contingência que eu tenha utilizado tanto conceito aristotélico na descrição no American football porque é muito de matéria, de quantificação, de substância e forma e se presta menos à interpretação nesse sentido. Então, eu diria, a “produção de presença” também é mais agressiva, embora concorde que, se finalmente, em todos os esportes, o sentido recmerge, a produção de presença é mais agressiva, é total no American football. Esse momento de felicidade total ou de derrota total é maior. Ontem, eu vi um jogo na televisão em Miami, tocando de avião, e vi um *running back* que ficou totalmente exausto, mas a sua felicidade foi tal que parecia um perigo para sanidade mental dele. Foi uma coisa tão explosiva! Aquela comentário de ser humilde, mas feliz, “vou dedicar essa vitória à minha mulher” não existe no American football, a coisa é muito mais absoluta. Então, seria interessante seguir – mas não vou seguir – utilizar antropologia da religião para elaborar esses contrastes... porque, acho que, começando com a distribuição de espaço, chega-se a teologias diferentes e, via teologias diferentes, chega-se a estados mentais, psicológicos, de participação também dos espectadores, muito diferentes.

WILLI BOLLE

Sepp, permita-me uma pergunta final. Será que, com a introdução do futebol na Estética, haveria a necessidade de remapear esse domínio do conhecimento? Assim como na reestruturação da Estética de Hegel com relação à de Kant, quando o belo natural ficava de fora das indagações estéticas, que passaram a se centrar em torno do conceito do belo artístico? Ou como nas considerações de Walter Benjamin, para quem a invenção da fotografia não significava apenas uma forma de arte a mais, mas a necessidade de se repensar as artes em seu conjunto. Será que, com a introdução da estética do esporte e, em particular do futebol, estaria se refazendo o próprio conceito de Estética hoje em dia?

HANS ULRICH GUMBRECHT

Vou tomar a tua pergunta como pergunta histórica, não pretendendo que seja pergunta e resposta finais. Historicamente, eu diria o seguinte: o século XVIII alemão é a ponta de arranque da estética como sub-disciplina filosófica. Na vida diária de Kant tinha muito pouca coisa estética. Mas, na sua filosofia, o interessante é que a estética vem só na Terceira Crítica porque ele percebe que, entre a Primeira Crítica e a Segunda Crítica, fica um abismo, uma coisa que não permite a mediação. Então, nesse sentido, Kant começa a falar dos fenômenos sensuais, da percepção que não tem nem critério nem conceito dos julgamentos. A miséria dessa estética filosófica é quando se começa a conceitualizar o que não permite conceitualização, quando recupera a hermenêutica. Nesse sentido, a minha agressão contra a hermenêutica, o meu interesse pelo não-hermenêutico, pelo não-interpretativo (admitindo que sempre vai existir interpretação) converge com o *feito* que hoje em dia o conceito interessante na estética do Kant é o sublime e não o belo. Porque o sublime é, precisamente, aquela coisa que não se pode interpretar. Então, eu diria que, talvez, o que acontece seja uma volta ao projeto de uma estética, projeto original, nesse sentido, não tanto um remapeamento, mas no

sentido de reduzir a própria hermenêutica, na estética, ao seu devido lugar. É, ao mesmo tempo, uma volta à origem e um remapeamento, sobretudo remapeamento, porque acho que a estética acadêmica, não só a acadêmica como a dos jornais, fica um tanto ossificada porque só joga com elementos canonizados, tem que ser livro, tem que ser teatro municipal, tem que ser concerto clássico, mas na parte cultural, a estética fala bem pouco de esporte, que se encontra em outra seção no jornal. O resultado socialmente interessante dessa volta à origem seria a inclusão de muitos campos, de muitos fenômenos que, hoje em dia, não se considera suficientemente dignos da estética filossófica. Há fenômenos estéticos na sociedade contemporânea que são sumamente importantes, mas, no espaço acadêmico, parece que nunca conseguimos tratar deles. Por isso que, sempre que falo de American football, eles dizem: “Ah! Muito interessante o passatempo do senhor!” Nesse sentido, fiquei muito contente com uma reação – irônica? – do Willi, dizendo: “Foi uma aula magna”. Eu sei que não foi uma aula magna, mas foi uma coisa bem séria. Para mim, isso é mais sério, talvez, do que falar dos meus autores literários preferidos.

WILLI BOLLE

Meus caros colegas e amigos, vocês realizaram esta noite o jogo com o qual sempre sonhei. Muiíssimo obrigado! A você, Sepp, pelo brilhante primeiro tempo. A Flávio, Antonio e Zé Miguel, pelo segundo tempo, emocionante. A todos os participantes, muito obrigado também pela prorrogação. Pelos gols, pelos pênaltis e pelas boas jogadas.

“FÜR EINE KULTUR DES MÖGLICHKEITSSINNS”. INTERVIEW WILLI BOLLE MIT WILHELM VOßKAMP (4. APRIL 1997)*

Willi Bolle**

Abstract: Wilhelm Voßkamp (University of Cologne) was visiting professor of German Literature at the University of São Paulo during the first semester of 1997. This interview, given to Willi Bolle (USP), focuses on the following questions: 1. His most important professional and historical experiences; 2. the concept of formation (*Bildung*); 3. comparison of trends in Philosophy and the Humanities in Germany and France in the last decades; 4. the crisis of education in the 60s, its causes and attempted solutions; 5. the history and tradition of Literary Studies and the Humanities; 6. modernization and interdisciplinarity; 7. scientific language: English v German; 8. *deutsche Germanistik* and German Studies; 9. *Estudos Germanicos* in Brazil; 10. utopia and tradition in Brazil and Germany; 11. institutional utopias; 12. transformation of the humanities in Germany after unification.

Keywords: Formation; Utopia; German Studies; History of the Sciences.

Resumo: Wilhelm Voßkamp, da Universidade de Colônia (Alemanha), foi professor visitante de Literatura Alemã, na Universidade de São Paulo, durante o primeiro semestre de 1997. A entrevista, realizada em abril desse ano por Willi Bolle (USP), abordou as seguintes questões: 1. As principais experiências profissionais e históricas, decisivas para a formação do Prof. Voßkamp; 2. O conceito de formação (*Bildung*); 3. Comparação da produção em Filosofia e Ciências Humanas, na Alemanha e na França, nas últimas décadas; 4. Crise da *Bildung*, nos anos 1960, suas causas e tentativas de remediação; 5. História e tradição dos estudos literários e das humanidades; 6. Modernização e interdisciplinaridade; 7. Língua científica: inglês vs. alemão? 8. Germanística alemã e *German Studies*; 9. Germanística no Brasil; 10. Utopia e tradição utópica no Brasil e na Alemanha; 11. Utopias institucionais; 12. Transformação da paisagem das Ciências Humanas na Alemanha, após a reunificação.

* Wilhelm Voßkamp ist Lehrstuhlinhaber für Neuere deutsche Literaturwissenschaft an der Universität zu Köln. Im ersten Semester 1997 war er Gastprofessor am Institut für Deutsch: Sprache, Literatur, Übersetzung der Universität São Paulo. Adresse von Prof. Dr. Wilhelm Voßkamp: Institut für Deutsche Sprache und Literatur, Universität zu Köln, Albert-Magnus-Platz, PLZ: D-50923 Köln.

** O entrevistador é professor titular do Depto. de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP.